

# UM SÉCULO DE ARTE NO BRASIL

A BIENAL DO SÉCULO 20 É A MAIOR EXPOSIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA JÁ ORGANIZADA. SÃO QUASE 1000 OBRAS DE 250 ARTISTAS.

GEÓRGIA LOBACHEFF

conti, Benedito Calixto de Jesus, Helios Seelinger, Henrique Alvim Correa, Henrique Cavalleiro completam o segmento.

Com curadoria dos professores Annateresa Fabris e Tadeu Chiarelli, os dois da Escola de Comunicações e Artes da USP, o segmento **O Modernismo: Vanguardas e Realismo (1917-1945)** tem como principal objetivo mostrar, através das obras de 53 artistas, que o movimento não foi uma experiência de vanguarda radical ligada aos movimentos europeus como prega a história. Segundo eles, o Modernismo foi muito mais um projeto de representação do entorno brasileiro. Para eles, a preocupação do período era o resgate da fidelidade na representação do real. Fabris trabalhou em cima dos artistas mais conhecidos como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Vicente do Rego Monteiro e dos desdobramentos desta fase inicial que ecoaram posteriormente em artistas como Portinari, Marcelo Grassman, Mário Zanini, Renina Katz entre outros.

Chiarelli cuidou da vanguarda marginalizada — artistas que tiveram sua produção arrojada desprezada —, do retorno à ordem e dos artistas que levaram conceitos modernistas às artes aplicadas.

As **Abstrações (1945-1960)**, terceiro módulo com 234 obras de 77 artistas, teve curadoria de Maria Alice Milliet, diretora técnica do MAM. Milliet coloca neste segmento a renovação da linguagem plástica em relação à figuração dominante antes e depois do modernismo. "A arte desta época passou a utilizar os meios plásticos para se articular e refletir sobre si mesma", explica. Com caráter didático, o módulo se inicia com artistas que vêm da figuração e passam a fazer trabalhos com características abstratas como Alfredo Volpi, Antônio Bandeira e Cícero Dias. Será possível ver as vertentes construtivista, informal e lírica em que se divide o período, assim como o grupo de artistas neoconcretos, do Rio — com nomes como Lygia Clark, Lygia Pape, Amílcar de Castro — e concretos de, São Paulo — do qual participaram Geraldo de Barros e Waldemar Cordeiro, entre outros.

## A atualidade VISÃO INTERNACIONAL

O período foi marcado pela internacionalização da produção artística, pela criação dos grandes museus e pela 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 51. As mudanças econômicas e sociais — o País deixa de ser essencialmente rural e passa a ser urbano — encontram apoio nas artes.

O próximo módulo **A Formação da Contemporaneidade (1960-1980)**, curado pelo historiador, crítico de arte e professor da ECA-USP, Walter Zanini, e pela crítica e historiadora de arte, Cacilda Teixeira da Costa, conta o que foi a passagem da Abstração para a Nova Figuração que dominou o cenário artístico de vanguarda dos anos 60. "Vamos mostrar como isso evoluiu para a arte multimídia dos anos 70 e para a utilização do corpo como suporte (conhecido por performance)", conta Teixeira da Costa. O segmento procura dar uma visão ampla do momento mostrando um filme com as experiências de arte sensorial de Lygia Clark e diversos livros-obras de artistas como Anna Bella Geiger, Artur Matuck, José Resende, Mira Schendel, Regina Silveira, Nelson Leirner. São 950 obras de 250 artistas.

O crítico e coordenador de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura, Agnaldo Farias, no segmento **A Atualidade (1980 aos nossos dias)** se preocupou em mostrar que a arte atualmente produzida no Brasil não está mais imersa no exotismo. Os artistas estão se internacionalizando cada vez mais e uma tradição artística está se formando. Com obras de 26 artistas, Farias selecionou trabalhos da Geração 80 e parte da produção dos 90. Nomes como Leonilson, Ana Maria Tavares, Daniel Senise, Jac Leirner entre outros fazem parte do módulo.

A expectativa de público para a mostra é de 100 mil pessoas. A Bienal espera receber em torno de 300 mil estudantes que terão horário especial de visitação.

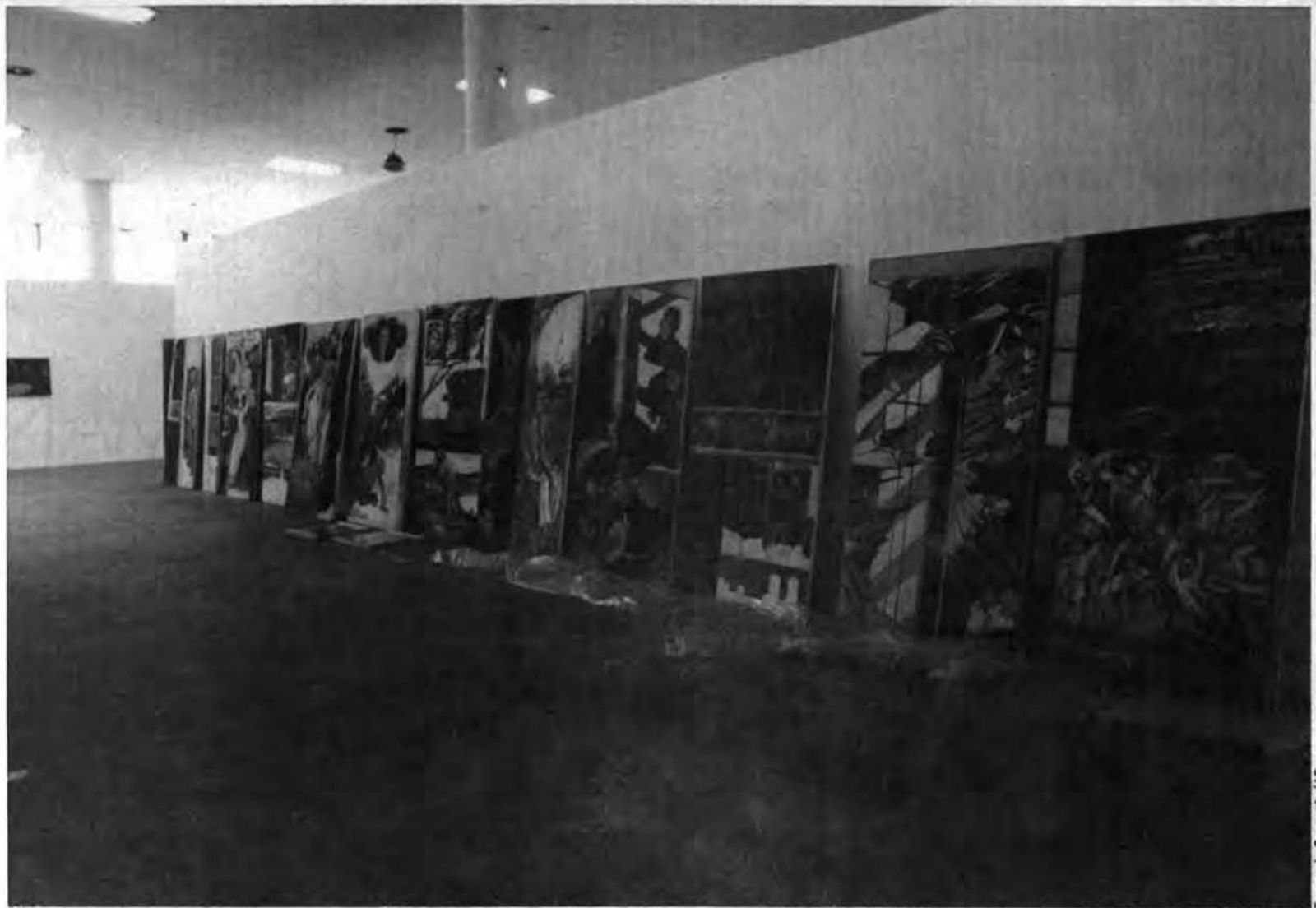
SERVIÇO: Bienal Brasil Século 20 - Abertura amanhã às 17h no Pavilhão da Bienal, End: Parque do Ibirapuera, portão 3 ou 10. Tel. Tel:574-5922. Preço: amanhã a entrada é franca. A partir de 2º, 2 URVs. Estudantes pagam 1 URV. Escolas interessadas devem agendar dia e horário. O simpósio acontece na 2ª e 3ª-feira das 14h às 17h no auditório do MAC-Ibirapuera.

Quando a Bienal Brasil Século 20, abrir as portas ao público amanhã estará dada a largada para a maior exposição de arte contemporânea brasileira já organizada. São 25 mil m<sup>2</sup> que foram ocupados por quase mil obras de 250 artistas. O pavilhão da Fundação Bienal de São Paulo vai fazer as vezes de um livro da História da Arte do Brasil, abrangendo os anos entre 1900 e 1994.

Até ontem de manhã os três andares do prédio da Bienal estavam praticamente vazios. As poucas obras que haviam chegado ainda estavam encostadas nas paredes e muitas delas nem haviam sido desembulhadas. O presidente da Bienal, Edemar Cid Ferreira, garantiu, entretanto, que até amanhã tudo estará pronto.

Brasil Século 20 tem dois objetivos bem claros. Segundo a diretoria da Bienal, a exposição vai divulgar de forma ampla a arte brasileira no exterior e proporcionar aos brasileiros rara oportunidade de conhecer, de uma só vez, 94 anos da nossa produção artística. O projeto de divulgação da mostra inclui a edição (custo de US\$ 400 mil) de um livro-catálogo de 500 páginas com textos críticos dos curadores da exposição e reproduções de quase todas as obras; um vídeo-laser, que começa a ser produzido assim que a exposição estiver totalmente montada; um simpósio sobre arte brasileira, que acontece segunda e terça-feira no auditório do MAC-Ibirapuera, com curadores e críticos estrangeiros e brasileiros; e um itinerário por diversos países da Europa, Estados Unidos e Japão, com início em Lisboa que este ano é a Capital Cultural da Europa. Parte da exposição, que encerra em 29 de maio, itenera também por outros estados do País.

"O livro é uma obra de referência básica para o estudo da arte brasileira deste século com informações de todos os artistas", conta o curador-geral da Bienal, Nelson Aguilar. Por US\$ 120 será possível adquiri-lo na própria Bienal durante o período da mostra. O filme, segundo Cid Ferreira, será distribuído para o mercado de arte daqui e do exterior, além de escolas e universidades.



O pavilhão da Bienal vai fazer as vezes de um livro da História da Arte do Brasil, abrangendo os anos entre 1900 e 1994.

Fernando Sampaio/AE

## Orçamento

1,5 MILHÃO DE DÓLARES

Com orçamento de US\$ 1,5 milhão, Bienal Brasil Século 20 mostra a contraposição à cultura pictural dominante até o início do século e seus desdobramentos em cinco módulos que abrangem períodos específicos. Cada módulo teve curadoria de um historiador. O pernambucano Cícero Dias, 87 anos, único artista contemporâneo do Modernismo ainda vivo e por isso o homenageado da mostra, é quem faz a ligação dos módulos. Três importantes painéis do artista, incluindo o da história de Frei Caneca que está sendo montado no espaço vazio entre as rampas do prédio da Bienal, foram reunidos para a exposição.

Aguilar diz que a mostra foi pensada de modo a esclarecer questões como a diferença entre escultura e instalação, figuração e abstração, e deixar um caminho mais fácil para o público entender o que vai ser mostrado na 22ª Bienal, em outubro. "Queremos que o público tenha um panorama bastante abrangente de todos os períodos para poder compreender as transformações ocorridas, desde o Academismo até os dias de hoje", explica.

O segmento **Do Início do Século à Semana de Arte Moderna (1900-1922)** vai mostrar ao público que este período já continha o "vírus" moderno que tomou força na década de 20. "Algumas das conquistas do período seguinte já estavam sendo preluídas nesta época. Havia uma inquietação muito grande que como consequência deu na Semana de 22", explica o professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas e curador deste segmento, José Roberto Teixeira Leite.

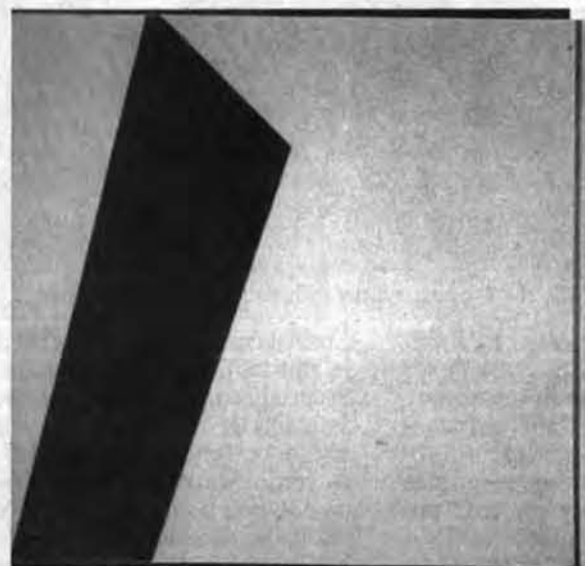
Com 22 artistas e aproximadamente 70 obras, o módulo inicia com o painel **Panorama da Primeira Missa no Brasil**, de Vitor Meireles, papa da pintura do século 19 no Brasil. Dividido em duas partes, o segmento mostra pinturas testemunhas, como denominou Teixeira Leite, que dão o tom geral do momento. Seguem os núcleos de vários artistas, com duas ou três obras. Somente Rodolfo Amoedo entra com 10 trabalhos na exposição. Outros nomes importantes como Elisei Vis-



"O naufrágio do Sirius", de 1907, de Benedito Calixto, um dos nomes mais conhecidos do período tratado no primeiro módulo (1900-1922). Precursor do Modernismo, que se inicia com a Semana de 22, este período mostra artistas que já tinham características modernas em seus trabalhos. São 70 obras de artistas que buscavam uma linguagem plástica brasileira, em contraponto à cultura europeia predominante.



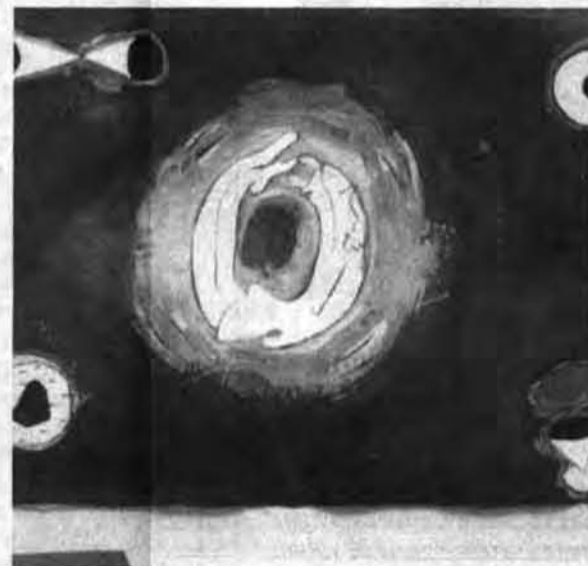
Obras de 1924 de Tarsila do Amaral, artista de extrema importância para o Movimento Modernista que se iniciou na década de 20. Os curadores deste segundo módulo (1917-1945) percorrem o período com nomes da fase inicial do movimento como Anita Malfatti, Vicente do Rego Monteiro, Lasar Segall, entre outros, até os desdobramentos que ecoaram posteriormente em artistas como Portinari, Renina Katz, Marcelo Grassman.



Composição concreta de Alfredo Volpi, da década de 50. Volpi assim como Antônio Bandeira faz parte dos artistas que, influenciados pela arte abstrata, abandonaram composições figurativas das fases iniciais e passaram a fazer abstrações. O assunto é tratado no terceiro módulo (1945-1960).



"Guevara Vivo ou Morto", obra de 1967 de Claudio Tozzi pode ser vista no quarto módulo (1960-1980) que conta a passagem da abstração para a Nova Figuração. Neste período, os artistas retomam composições figurativas.



"Eu Sozinho", obra de Leonilson de 1987, ícone da Geração 80, que marcou o retorno à pintura após anos de arte centrada em conceitos e objetos. O quinto módulo (1980 aos dias de hoje) mostra como os artistas ganham espaço no cenário internacional.